

Sexualidade também se aprende na escola

Sexuality is learned in school

Mariângela Przybysz (mari_prz@yahoo.com.br)

Prefeitura Municipal de Curitiba – SME

Rita de Cassia da Luz Stadler (rstadler@utfpr.edu.br)

UTFPR – Ponta Grossa

Resumo

O presente estudo realizou-se em uma escola municipal de Curitiba, junto aos alunos de oitava série. Teve como objetivo problematizar questões relacionadas à sexualidade, em sua dimensão biológica e cultural, incluindo comportamentos, posturas, crenças, tabus e valores inerentes associados, desenvolvendo um posicionamento crítico e reflexivo sobre o assunto, sem invadir a intimidade e nem direcionar a opinião do aluno, com vistas a uma vida sexual harmoniosa e tranquila em meio ao turbilhão confuso da adolescência. A metodologia deste estudo priorizou o uso de várias dinâmicas, por meio de vídeos, pesquisas, debates: deu-se ênfase ao trabalho em grupo, afim de desenvolver e exercitar a criatividade e produtividade. Percebeu-se que ao longo do processo, os objetivos propostos foram sendo atingidos, interligando-se entre si numa visão de sexualidade, que partiu do individual para o social, ou vice-versa, o resultado muito produtivo, tanto para os alunos como para os professores.

Palavras – chave: sexualidade, ambiente escolar, adolescente.

Abstract

This study took place in a municipal school in Curitiba, with eighth grade students. Aimed to discuss issues related to sexuality in its biological and cultural dimension, including behaviors, attitudes, beliefs, taboos and inherent values associates, developing a critical and reflective position about it, without invading personal privacy and does not direct the student opinion, with a peaceful and harmonious sex life into the confusing adolescence whirlwind. The methodology of this study the use of several dynamics, through videos, polls, discussions: emphasis was placed on workgroup, in order to develop and exercise their creativity and productivity. It was noticed that throughout the process, the objectives were being met by linking themselves together into a sexuality vision, changing from the individual to the social or vice versa, the result was very productive for both students and teachers.

Key words: sexuality, school environment, adolescent.

Introdução

A adolescência caracteriza-se como um período de profundas transformações. É nesta fase que os valores são revistos e consolidados e, são as atitudes resultantes destes valores que decidirão o rumo das sociedades futuras.

Através da Orientação Sexual procura-se desenvolver uma visão mais ampla e profunda da sexualidade, erradicando tabus e preconceitos, abrindo espaço para discussões, aumentando a consciência para as responsabilidades.

Relação sexual, masturbação, gravidez, Aids, temas ligados à sexualidade afloram na cabeça dos adolescentes de forma natural, modificam comportamentos e despertam muitas curiosidades. Eles descobrem o próprio corpo e o interesse pelo sexo aumenta. Vêm imagens eróticas na TV, na internet, acompanham assuntos referentes à sexualidade em revistas e jornais. Por estas razões a escola não pode fechar os olhos ou transferir a responsabilidade para os pais ou responsáveis. Mesmo porque a educação sexual trabalhada na escola tem como princípio, complementar as orientações geradas pela família.

A questão da sexualidade envolve assuntos distintos. Esse tema transversal abrange, desde conteúdos relativos ao comportamento sexual das pessoas e suas conseqüências, até as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

A problematização de temas, propostos neste artigo, pretende levar a uma reflexão e liberdade de expressão, contribuindo para o entendimento da sexualidade como fonte de prazer e realização do ser humano.

O jovem e a sexualidade

Antes de discutir a sexualidade na juventude é necessário esclarecer a diferença entre sexo e sexualidade. Dúvida muito frequente, não só para os adolescentes, mas também para os adultos.

Sexo e sexualidade são palavras com significados bem distintos.

Sexo é o conjunto de características anatômicas e fisiológicas. Sexualidade é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura (RIBEIRO, 1990).

Ainda Brasil (2001, p. 295) ressalta que a sexualidade:

Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito [...]

A sexualidade é inerente ao ser humano em todas as fases de sua vida, mas é, possivelmente, a adolescência, períodos de grandes dúvidas, quanto ao comportamento, às descobertas sexuais, à vida em sociedade e à necessidade de criação de uma identidade própria.

Entender as mudanças físicas e psíquicas que acontecem na época da adolescência e abrir espaço para discussões sobre sexo e sexualidade, são aspectos fundamentais que

garantem maior igualdade nas relações entre mulheres e homens, diminuindo o número de jovens portadores do vírus da Aids e DST (Doença Sexualmente Transmissível) e reduzindo os casos de gravidez na adolescência.

Com a chegada da puberdade, o ser humano experimenta mudanças físicas tão rápidas e intensas, que é muito difícil permanecer indiferente a elas. O indivíduo que atravessa este processo, passa a vivenciar emoções decorrentes das transformações que sofre na imagem que tem de si próprio.

O conceito de adolescência está relacionado ao processo de industrialização, urbanização e modernização, próprio das sociedades ocidentais contemporâneas. O universal interesse pelo estudo da adolescência na atualidade advém tanto da explosão demográfica do pós-guerra, que teve como consequência imediata significativo crescimento percentual da população jovem no mundo, como a ampliação da faixa etária com as características da adolescência (MEDINA, 1994).

Do ponto vista cronológico, a Organização Mundial da Saúde define adolescência como sendo a faixa etária de 10 a 20 anos. De acordo com o critério físico, a adolescência abrange as modificações anatômicas e fisiológicas que transformam a criança em adulto, correspondendo ao período que vai desde o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e início da aceleração do crescimento, até o apogeu do desenvolvimento com a parada do crescimento (COLLI, 1994).

Não são apenas as mudanças físicas que transformam a vida do adolescente. Do mesmo jeito que agem sobre o corpo, os hormônios também atuam sobre seu lado emocional, fazendo surgir sensações e emoções totalmente novas. Aflora o desejo pelo sexo oposto, a vontade de buscar prazer sexual explorando o próprio corpo e, ao mesmo tempo, medos, angústias e cobranças em relação à iniciação sexual perante o grupo.

Segundo o ponto de vista psicológico, o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. Para Donas (1992), na adolescência o processo de desenvolvimento adquire características muito especiais; a busca de identidade, independência, criatividade, auto-estima, juízo crítico, sensibilidade, afetividade, elaboração de um projeto de vida, sexualidade e educação. O produto final do acontecer de todas as características leva o adolescente a definir o que considera um fato fundamental: o seu estilo de vida. Alguns jovens desenvolvem um estilo de vida de alto risco, e segundo a mesma autora, são aqueles que têm maiores probabilidades de padecer de problemas que julgamos os grandes problemas da adolescência, ou seja, os distúrbios de afetividade e de conduta, os distúrbios da aprendizagem, a gravidez indesejada, os problemas da violência social e ecológica, as doenças sexualmente transmissíveis, os acidentes que conduzem a sequelas morte, suicídio, drogas. Enfim, os distúrbios de baixo risco são aqueles que não têm estas características e as atividades que os expõem a desenvolver tais doenças, estados patológicos ou grandes distúrbios no processo da adolescência.

Com as mudanças psicológicas, surge também a necessidade de desenvolver uma identidade própria, desligada da referência familiar. Por isso, a maioria dos adolescentes acaba entrando em conflito com os pais e contestando sua autoridade, numa tentativa de ganhar autonomia e estabelecer seus próprios limites. O grupo de amigos torna-se um novo ponto de referência, pois é o meio onde o adolescente pode assegurar sua identidade e encontrar uma filosofia de vida própria.

Por fim, do ponto vista social, a adolescência corresponde a um período da vida, no qual o indivíduo perde direitos e privilégios de criança e começa a assumir direitos e

responsabilidades de adulto (COLLI, 1994). A família, a escola e os amigos são os principais espaços que o adolescente tem para aprender a viver em sociedade.

Para Brasil (2001), a escola precisa ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, é fundamental reconhecer que a escola desempenha um papel de suma importância na educação para uma sexualidade vinculada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar, integrando as mais variadas dimensões vividas pelo ser humano.

Para Bruschini e Barroso (1995), no contexto social em que a pessoa sofre tais transformações, existem padrões rígidos e estereotipados determinando “modelos de perfeição física” para um e outro sexo. O jovem fica excessivamente preocupado com suas transformações físicas, talvez em muitos casos uma expectativa ansiosa de que este desenvolvimento consiga atingir os ideais de corpo feminino ou masculino perfeitos almejados na sua cultura. Pelo fato de estes estereótipos se associarem frequentemente às ideias de sucesso e bom desempenho, é comum ouvir dos jovens dúvidas e preocupações, bastante sérias, do tipo: *“Todas as minhas amigas já menstruaram e eu ainda não. O que será que está errado comigo?”* *“Puxa meu pênis é pequeno se comparado com os dos meus colegas. Será que sou normal?”*

O indivíduo procura esclarecimentos em relação ao que está se passando no seu próprio corpo, mas o corpo humano continua a ser encarado como algo misterioso e que pode ser aperfeiçoado com as mágicas dos cosméticos e das modas. A mídia influencia diretamente este público adolescente. Hoje existe uma sociedade de consumistas compulsivos. Neste contexto, os maiores negócios se dão em termos associados ao corpo de alguma bela mulher ou de algum belo homem. Diversas mercadorias como carros, roupas, bebidas, cigarros, entre outros, estão associados a um clima de perfeição de corpo e apelo sexual. O jovem deve ficar atento à intervenção dos meios de comunicação em nossa vida, pois eles usam códigos adequados a todos os sentidos do corpo humano, impondo modos de pensar e normas de comportamento, pregando uma democracia aparente que deixa pouco espaço para reflexão, levando ao que se pode chamar de pensamento único. Basta observar os modos de se vestir, os hábitos de consumo, de lazer e o comportamento sexual dos jovens.

Calligaris (2000) comenta, os adolescentes se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. No mínimo, são comunidades de estilo regrados por traços de identidade claros e definidos, pois os membros devem poder permanecer a elas questionando: *“Mas o que será que os outros querem para me aceitar?”* Os grupos têm portanto em comum um *look* (roupas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, revistas) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes).

O resultado disso é que cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida. Por isso mesmo todos os grupos se tornam também grupos de consumo facilmente comercializáveis. Os adolescentes organizados em identidades que eles querem poder reconhecer sem hesitação, tornam-se consumidores ideais por serem alvo perfeitamente definido. A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. O próprio marketing se encarrega de definir e cristalizar os grupos adolescentes, o máximo possível.

Bruschini e Barroso (1995) apontam que se as pessoas tivessem um conhecimento racional e objetivo do seu próprio corpo e de suas funções, talvez gostassem dele como é, cuidassem dele também de uma forma racional e passassem a vivenciar a própria sexualidade e a dos outros de uma forma natural e positiva, não sendo influenciado pela mídia consumista e materialista, revendo seus próprios valores.

Metodologia

O presente estudo foi realizado em uma escola do município de Curitiba, com três turmas do nono ano do Ensino Fundamental. Com o objetivo de permitir que os alunos compreendessem sua sexualidade a partir de vivências, com processos de mobilização e sensibilização, por meio de atividades que funcionaram como provocações, estimulando a expressão integral do grupo, tendo em vista o desenvolvimento do indivíduo.

A intenção da proposta era então, não criar regras sobre o comportamento dos adolescentes, o que limitaria sua liberdade, mas sim, fornecer orientação para que vivenciem sua sexualidade de forma saudável, de modo a tirar dela seu próprio aprendizado. Assim iniciou-se um processo de produção, envolvendo a fundamentação teórica, vídeos, palestras, dinâmicas, pesquisas, debates, priorizando o trabalho em grupo, a fim de desenvolver e exercitar a criatividade e produtividade por meio de atividades sequenciadas de caráter lúdico e participativo, integrando expressão oral, corporal, percepção, raciocínio e sensibilidade.

Cada turma participou das aulas e das atividades em momentos distintos. Para facilitar a visualização dos dados, agrupou-se o total de alunos participantes de cada atividade.

Destacamos seis atividades, sendo que cada uma delas foi realizada em aulas específicas:

Dinâmica do “Semáforo”: com o objetivo identificar os temas/assuntos de maior interesse e dificuldade por parte dos adolescentes. A dinâmica consiste em distribuir folha de papel para cada um dos alunos onde escrevem um tema ou perguntas sobre sexualidade. Depois cada um coloca sua questão ao lado da cor que considerava mais apropriada (vermelho questões mais complexas, amarelo questões medianas e verde questões de consideram fáceis para o debate ou para o seu entendimento).

Dinâmica da bexiga: de posse de um pedaço de papel e uma bexiga, cada aluno, formula uma questão relacionada ao tema sexualidade. Depois coloca o papel dentro da bexiga enchendo-a em seguida. Durante alguns minutos os alunos brincam com as bexigas, misturando-as no ar ao som de uma música agitada, da preferência dos alunos. Ao final, cada qual com uma bexiga, em círculo, estouram e leem a questão proposta. Cada aluno tenta responder a questão para o grupo e quando a dúvida surge o grupo ajuda a responder. Quando mesmo assim, a dúvida persiste, aí então há a interferência da professora.

Sensibilização e debate sobre masturbação: objetiva levantar idéias sobre tabus e preconceitos, oportunizando o debate e o saneamento de dúvidas sobre o assunto. Os alunos assistem a um vídeo da série: Sexualidade prazer em conhecer produzido pela Fundação Roberto Marinho e Schering – Masturbação-. Depois lêem um texto: É errado se masturbar?, extraído de Barros e Paulino (2000, p.50). Para complementar abre-se espaço para debate e esclarecimento de dúvidas sobre o tema abordado.

Dinâmica sobre relações de gênero: tem como objetivo refletir sobre o tema dos papéis sexuais, desvendar e explicitar as discriminações e preconceitos associados ao gênero. No grande grupo são discutidas, as vantagens e desvantagens de cada gênero (masculino e feminino). Escreve-se no quadro as questões na medida em que surgem no grupo e não, individualmente. Se a maioria concorda com o que é mencionado, posta-se no quadro. Em seguida, assistem ao vídeo da série: Sexualidade prazer em conhecer produzido pela Fundação Roberto Marinho e Schering – Diferentes, mas não desiguais e debatem sobre o assunto.

Atividade sobre métodos contraceptivos: seu principal objetivo é proporcionar um canal aberto para conversar sobre métodos anticoncepcionais e fazer com que os alunos os

manuseiem. Disponibiliza-se um cartaz com principais métodos, e neste momento, é explicado e sanadas as dúvidas. Logo após, os alunos manuseiam alguns dos materiais anticoncepcionais tais como: camisinha – masculina e feminina, diafragma e o DIU

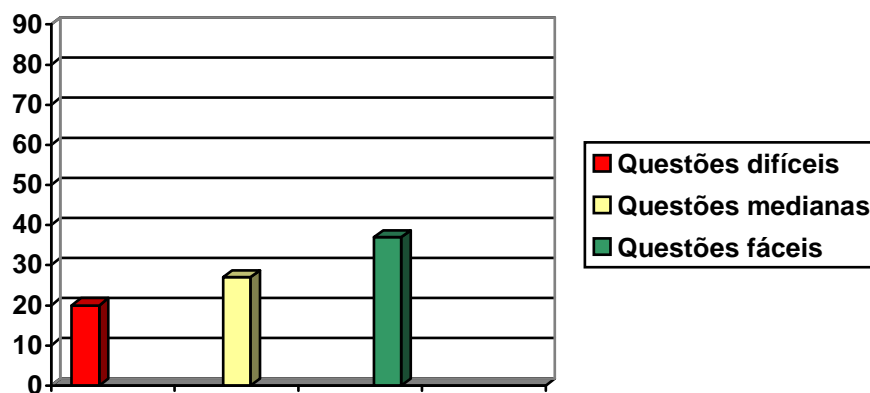
Na última atividade, é entregue uma folha para cada aluno com a seguinte questão: “Você acha importante a orientação sexual na escola? Justifique sua resposta”. Esta atividade objetiva saber dos alunos o grau de importância que o projeto representa para o grupo.

Discussão e Resultados

A dinâmica do semáforo foi realizada com 84 alunos, cada turma realizou a atividade em aulas separadas, apenas os dados foram agrupados. A maioria dos alunos classificou sua pergunta como sendo fácil. Com esta atividade detectamos as questões que poderiam ser abordadas nos próximos encontros.

Percebe-se que os alunos sabem muito, têm muitas informações, mas não sabem bem o que fazer ou como utilizar estas informações. Vinte alunos (24%) classificaram sua questão como difícil, aparecendo as seguintes preocupações: a hora certa para perder a virgindade, como contar aos pais que não é mais virgem e o que fazer na hora H. Vinte e sete alunos (32%) classificaram sua pergunta mediana, sendo que todas as questões estavam relacionadas com a gravidez. Trinta e sete alunos (44%) classificaram sua questão como fácil, surgindo as seguintes questões: perguntas relacionadas as DST's, como colocar a camisinha e se a primeira vez engravida.

Gráfico representativo da Dinâmica do Semáforo



Participaram da dinâmica da bexiga 85 alunos, muitas questões se repetiram ou eram muito parecidas. Houve 5 alunos (6%) que deixaram o papel em branco.

Nesta dinâmica percebeu-se que os alunos estão perdidos quanto as questões sobre sexualidade e que ainda muitos tabus não foram desmistificados, pois apareceu questões do tipo, transar em pé ou pela primeira vez não engravida. Nossos jovens ainda têm muitas dúvidas, exceto aquelas que não apareceram por pudor ou medo de escrever.

A seguir algumas questões propostas pelos alunos:

Transar, na primeira vez não engravida?

Como saber se a menina é virgem?

O que é Aids?

Transar em pé engravida?

Por que a menina sangra todo mês?

O homem tem menstruação?

Por que a primeira vez da menina dói?

Por que sai sangue quando a menina transa pela primeira vez?

Se não sair sangue na primeira vez é porque a menina não era mais virgem?

Por que os meninos querem transar logo com as meninas?

Por que o pinto fica duro?

O que é sexo oral?

O que é sexo anal?

No tema masturbação percebeu-se que o vídeo e o texto foram positivos, permitindo que vários mitos caíssem por terra, como por exemplo: que a prática da masturbação dá espinhas. Há ainda muito preconceito e pudor sobre masturbação é necessário abrir mais espaço para este tipo de debate e participação da família que não entende ou condena esta prática.

A dinâmica denominada questões de gênero foi aplicada para 92 alunos sendo 44 meninas (48%) e 48 meninos (52%). Mesmo sendo pequena a diferença entre meninas e meninos, houve dificuldade em apontar as vantagens de ser mulher. Mesmo as meninas não conseguiram relacionar mais vantagens e também não obtiveram sucesso em apontar as desvantagens de ser homem. Com esta dinâmica percebeu-se ainda a forte influência de uma sociedade machista, onde as mulheres mesmo que inconscientemente, sentem-se cobradas em certas questões quanto à liberação sexual, à maneira específica de se portar, e que a responsabilidade dos filhos fica à cargo dela, entre outros.

A seguir o quadro comparativo com as vantagens e desvantagens de ser homem ou mulher:

VANTAGENS DE SER HOMEM	VANTAGENS DE SER MULHER
<ul style="list-style-type: none">• Urinar de pé;• Maior liberdade para sair;• Maior força física;• Não engravidar;• Liberdade de horários;• Não menstruar;• Não sentir a dor do parto;• Alguns gestos são permitidos (sentar de pernas abertas por exemplo);• Ficar com várias mulheres;• Jogar futebol no domingo	<ul style="list-style-type: none">• Fazer compras com o dinheiro do homem;• Ser mais madura que o homem;• Ser mais resistente a dor.
DESVANTAGENS DE SER HOMEM	DESVANTAGENS DE SER MULHER
<ul style="list-style-type: none">• Ter chulé;• Responsabilidade pela família.	<ul style="list-style-type: none">• Cuidar dos afazeres domésticos;• Ser mais frágil que o homem;• A sociedade cobra que a mulher seja vaidosa;• São mais discriminadas;

	<ul style="list-style-type: none"> • Não pode ter muitos parceiros; • Responsabilidade com os filhos; • Ter que ir ao ginecologista; • Gerar filhos; • Menstruar todos os meses; • TPM – Tensão pré - menstrual; • Se engravidar, não pode “se mandar”; • Ter jeito certo para se comportar; • Não poder andar sem camisa; • Não ser reconhecida; • Câncer de mama
--	---

Durante a atividade dos métodos anticoncepcionais os alunos tiraram várias dúvidas e tiveram uma discussão muito produtiva a respeito do sexo com responsabilidade e afeto.

Houve uma certa rejeição por parte de alguns alunos que não quiseram manusear os materiais contraceptivos. Também disponibilizou-se um falo masculino (pênis de borracha), onde aqueles que queriam, colocavam a camisinha. Neste momento percebeu-se que alguns alunos não querem nem chegar perto, mas na medida em que os mais desinibidos colocam os preservativos, outros também se arriscam. É momento do professor deixar os alunos bem à vontade e de preferência não ficar por perto, deixando o aluno tranquilo, sem pressão.

Como última atividade do projeto aplicou-se a questão “Você acha importante a orientação sexual na escola? Justifique sua resposta”. Nesta atividade houve a participação de noventa e três alunos. A maioria 87 alunos (94%), acha importante ter aulas de sexualidade na escola. Seis alunos (6%) não acham importante, sendo que três responderam que já sabem tudo e não precisam de mais informações, um acha ruim porque os alunos não levam a sério, outro coloca que sim e não, porque é importante a pessoa se prevenir, mas ao mesmo tempo as pessoas sentem-se influenciadas para iniciar a vida sexual e, o sexto aluno expõe que os adolescentes deveriam conversar com seus pais primeiramente. Foram selecionadas algumas das respostas para observar como os alunos expressaram sua opinião.

“Eu acho porque com a orientação sexual na escola as garotas agora têm noção do que vão fazer, pois se não for na escola, é difícil falar sobre isso com os pais. A escola é a mais ideal para falar sobre isso. Bom eu acho” (menina 14 anos)

“Sim acho muito importante porque muitas vezes os pais não tocam no assunto em casa com os filhos” (menina, 13 anos)

“Sim porque os adolescentes estão fazendo sexo sem pensar nas conseqüências que ele pode causa” (menina, 14 anos)

“Sim. Porque se a menina ou menino não se abrem com os pais ou não tem esta afinidade, ela pode aprender estas coisas na escola com a professora” (menina, 13 anos)

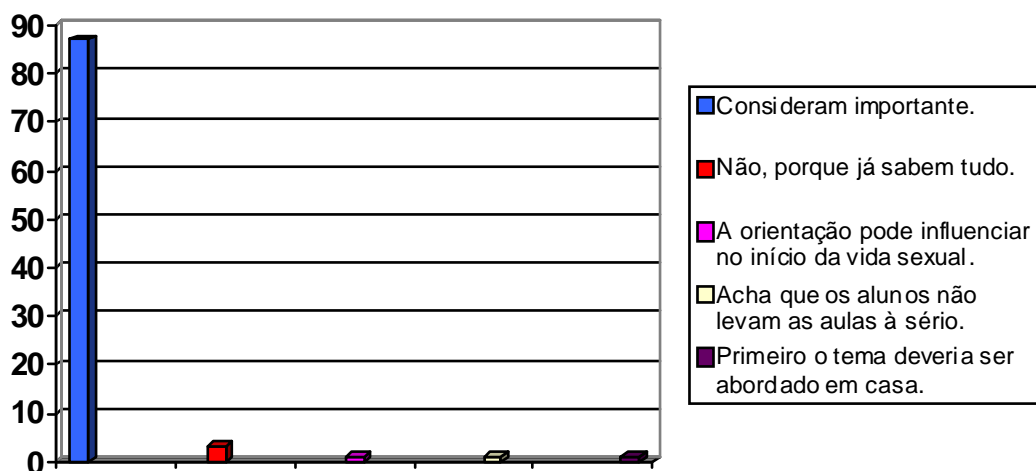
“Sim. Porque todos os adolescentes devem ter orientação sexual, pois quando casarem já sabem como acontece a fecundação e outras coisas” (menina, 12 anos).

“Sim, porque os adolescentes devem ter um conhecimento de todas as mudanças que ocorre em seu corpo. E depois que eles tiverem esse conhecimento, vão pensar muito bem antes de ter uma relação sexual. E não tem outro lugar melhor para se aprender isso se não for na escola!!!” (menina, 13 anos).

“Acho muito importante porque só assim poderemos aprender mais sobre a vida íntima das pessoas e faremos parte de um grande grupo que nos trará grandes idéias para nossa vida no futuro” (menina 13 anos).

“Acho sim, porque muitas vezes o adolescente não tem instrução dos pais ou familiares, e tendo orientações na escola os alunos estarão mais preparados para um relacionamento” (menino, 14 anos)

Gráfico representativo da Opinião dos alunos referente a Educação Sexual na Escola



Analisando-se o gráfico, percebe-se que a maioria dos alunos considera importante abordar temas como sexualidade na escola. A escola e a família têm um papel fundamental de orientar o jovem, mas muitas vezes a família se omite, ou por vergonha de abordar o tema ou, porque não sabe como chegar ao assunto com seus filhos em casa, então cabe a escola orientar os alunos.

Conclusão

Ao formularmos a proposta de trabalho para o estudo, levamos em consideração os principais anseios que afetam os adolescentes em relação às questões de sexualidade. Ao longo do processo, percebeu-se que os objetivos propostos iam sendo atingidos e interligando-se entre si numa visão de sexualidade, que partiu do individual para o social, ou vice-versa resultado muito produtivo, tanto para os alunos como para os professores, que puderam desta forma, relacionar as informações e questionamentos, aproveitando todo o contexto do trabalho, mesmo trabalhando temas específicos.

Entende-se que uma das principais tarefas da educação sexual nas escolas é reconhecer a diversidade sexual como uma realidade à qual o ser humano tem direito. A possibilidade de desenvolver atividades que permitam aos adolescentes refletir e tomar decisões importantes sobre sexualidade, gravidez, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a Aids, falando a mesma língua que os adolescentes, abordando os assuntos que realmente interessam de forma franca, sem preconceitos, procurando ouvir e entender as

dificuldades que meninos e meninas enfrentam em relação aos seus sentimentos, enriquece o trabalho escolar e favorece o desenvolvimento das capacidades individuais, de uma auto-estima saudável, de oportunidades iguais no trabalho e na vida social.

A escola necessita abrir mais espaço para o debate sobre sexualidade, os jovens carecem de muita informação pensam que sabem muito, mas infelizmente na prática não sabem o que fazer, ainda pairam muitas dúvidas. As famílias juntamente com a escola formam uma excelente parceria para que os adolescentes iniciem sua vida sexual de forma responsável e possam viver sua sexualidade plenamente sem preconceitos e tabus.

Referências

BARROS, Carlos; PAULINO, Wilson Roberto. **O corpo humano**. 64ª Ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 2001. 436 p.

BRUSCHINI, Cristina; BARROSO, Carmem. **Sexo e juventude**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COLLI, Anita. **Conceito de Adolescência**. São Paulo: Savier, 1994.

DONAS, S. **Marco Epidemiológico de Saúde Integral do Adolescente**. Organização Mundial de Saúde, 1992.

MEDINA, João Paulo. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. 4ª edição. Campinas: Papyrus, 1994. p.135.

RIBEIRO, Marcos. **Mamãe como eu nasci?** Rio de Janeiro, Salamandra, 1990.